

**“É uma vida esquisita,  
um pouco esquisita, mas boa”:  
entrevista com o marido de uma travesti em Paris**

**Marina Veiga França<sup>1</sup>**  
**Universidade Federal de Mato Grosso**

**Resumo:** O artigo é redigido em torno de uma entrevista com o marido brasileiro de uma travesti sul-americana, ambos migrantes em Paris, onde ela é trabalhadora do sexo. Busco aqui mostrar o relato que ele elabora de suas vidas naquele momento. Ao resgatar a experiência de uma pesquisa iniciada em 2006, abordo algumas dificuldades de um trabalho de campo realizado em Paris; a prostituição no Bois de Boulogne, um parque urbano em que trabalham principalmente pessoas trans; e, mais indiretamente, o contexto francês de políticas voltadas para a prostituição e para a migração.

**Palavras-chave:** travesti; prostituição; migração; Bois de Boulogne; conjugalidade.

<sup>1</sup> Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMT. Possui mestrado em Antropologia, na especialidade “Gênero, política e sexualidades” (2006) e doutorado em Antropologia Social (2011) pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris). Coursou Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais (2005).

## “It is a weird life, a little weird, but good”:

interview with the husband of a transgender woman in Paris

**Abstract:** The article is written around an interview with the Brazilian husband of a South American MtF transgender, both migrants in Paris, where she is a sex worker. I show his narrative of their lives at that moment. Returning to this experience of a research initiated in 2006, I consider some difficulties of a fieldwork realized in Paris, in the Bois de Boulogne, an urban park where mainly trans people do sex work, and, more indirectly, the French context of policies concerning prostitution and migration.

**Keywords:** transgender; sex work; migration; Bois de Boulogne; conjugality.

## “Es una vida extraña, un poco extraña, pero buena”: entrevista con el marido de una travesti en París

**Resumen:** El artículo está escrito en torno a una entrevista con el esposo brasileño de una travesti sudamericana, ambos migrantes en París, donde ella es una trabajadora sexual. Trato de dar paso a la narrativa que él elabora de sus vidas en ese momento. Al rescatar esta pesquisa realizada entre 2006 e 2008, me acerco a un trabajo de campo que no ha tenido el camino esperado en Francia, la prostitución en el Bois de Boulogne, un parque donde trabajan principalmente personas transgénero en París; y, más indirectamente, el contexto francés de políticas dirigidas a la prostitución y a la migración.

**Palabras clave:** travesti; prostitución; migración; Bois de Boulogne; conyugalidad.

**E**ste artigo foi elaborado em torno de uma entrevista que realizei com uma trans latino-americana, que morava há três anos na França, trabalhando como prostituta no Bois de Boulogne, em Paris, ou – como se verá a seguir – uma entrevista em que é principalmente seu marido<sup>2</sup>, brasileiro, que toma a palavra e fala sobre a vida dos dois. A entrevista foi realizada em 2007, durante minha pesquisa de doutorado. Após defender a tese e escrever artigos sobre minha pesquisa no campo da prostituição, ficou a sensação de que não tive a oportunidade, pela maneira como o tema de minha tese avançou, de retratar os episódios em que me encontrei com este casal, Wanda e Fernando<sup>3</sup>, e a riqueza desses momentos. Com efeito, por dificuldades de ir a campo no Bois de Boulogne, que abordo a seguir, e pela minha tese ter se concentrado principalmente na prostituição de mulheres cisgênero na zona boêmia em Belo Horizonte, a pesquisa que realizei em Paris funcionou principalmente como parâmetro para a etnografia no Brasil.

Busquei recentemente minhas anotações de campo e reli a entrevista que gravara em um dos três encontros que tive com o casal. Existem diversos relatos etnográficos sobre as relações afetivas e sexuais de travestis<sup>4</sup>, mas ainda são escassas as pesquisas que englobam parceiros. O contato com os namorados ou maridos de travestis é retratado principalmente no trabalho de Larissa Pelúcio, especialmente no artigo “Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem” (2006), e também na etnografia de Don Kulick (2008), que morou em uma casa com travestis de Salvador e alguns de seus namorados, e relata suas observações das relações e a entrevista com um desses homens.

Além disso, a eloquência de Fernando e a maneira como tece a trajetória de Wanda e de sua própria vida, costurando vários temas como travestilidade, migração, prostituição e educação, são elucidadores. Lembrei-me e me inspirei no artigo “*L’initiation. Entretien avec un client de la prostitution*” (2009), em que o antropólogo Sébatien Roux reproduz uma entrevista com um francês expatriado na Tailândia, que tivera uma experiência como cliente na prostituição em Bangkok. Assim, resolvi resgatar no presente artigo um pouco das impressões do campo que realizei no Bois de Boulogne e, principalmente, transcrever a entrevista com Wanda e Fernando quase integralmente.

## **Um campo não muito frutífero no Bois de Boulogne, que rendeu um grande encontro**

Em 2006, estava no início de um Doutorado em Antropologia na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) e pensava fazer uma análise comparativa da prostituição em Belo Horizonte e de prostitutas brasileiras em Paris<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> O casal se refere a todos os parceiros de travestis como seus maridos.

<sup>3</sup> Todos os nomes citados no artigo são fictícios.

<sup>4</sup> Apesar de na última década haver um uso crescente do termo trans, utilizo neste artigo predominantemente o termo travesti, pois é o mais usado pelas minhas interlocutoras, além de se referir no Brasil a uma identidade e “orgulho travesti”. Ver Carvalho e Carrara, 2013.

<sup>5</sup> Impulsionada por questões familiares, fui para a França, em 2005, realizar um mestrado na EHESS, com um projeto de mestrado sobre a prostituição na zona boêmia de Belo Horizonte. Fui orientada por Marie-Elisabeth Handman, que pesquisava prostituição em Paris e realizava seminários sobre trabalho do sexo, recebendo pesquisadores que estudavam o

Decidi sondar o campo em Paris, procurando contato de brasileiras em *sites* franceses e determinados locais de prostituição de rua. O Bois de Boulogne, um parque de 8,5 km<sup>2</sup>, que fica ao oeste de Paris, era conhecido como o principal ponto de prostitutas brasileiras. Procurei uma brasileira de uma associação de pessoas trans a fim de verificar a possibilidade de estabelecer contatos de pesquisa pela instituição. Ela me disse que só seria possível se minha tese fosse redigida segundo a orientação dela, quer dizer, se eu escrevesse meu trabalho sobre a associação, da maneira como ela me indicasse. Talvez eu pudesse ter negociado, mas entendi que a posição era categórica e não achei a opção viável, por razões científicas e éticas.

A situação iniciava-se de maneira diferente daquela de meu campo em Belo Horizonte, em que conheci a zona boêmia apresentada por uma organização não-governamental, o GAPA-MG (Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS de Minas Gerais). Naquela experiência, minha circulação pelos hotéis de prostituição seguiu, em um primeiro momento, o fluxo e os contatos propiciados pelo acompanhamento das monitoras de saúde da instituição. Pouco a pouco, fui estabelecendo novos contatos e aprendendo a circular sozinha pelo local.

Para ir sem mediadores ao Bois de Boulogne, o terreno era mais complicado. Embora eu já morasse em Paris, era ali uma estrangeira. E o Bois, com suas várias alamedas e bosques, não era um local de fácil circulação, principalmente para uma mulher sozinha, em um lugar ao mesmo tempo ermo e com uma grande circulação de homens<sup>6</sup>. Além disso, ser uma mulher brasileira me deixava com a sensação de maior vulnerabilidade, pois imaginava que poderia ser enquadrada como prostituta pela polícia francesa.

A legislação referente à prostituição na França é abolicionista. A prostituição era, em linhas gerais, tolerada pelos poderes públicos desde que não constituísse dano à pessoa ou prejudicasse a ordem pública (VERNIER, 2005). Mas desde 2003, a lei conhecida como Lei Sarkozy, a *Loi pour la Sécurité Intérieure* (LSI – Lei de Segurança Interna), criminalizava o *racolage passif*, uma atividade difícil de ser definida com precisão, pois se refere ao ato de buscar ativamente atrair um cliente<sup>7</sup>. A lei permitia inculpar qualquer prostituta que estivesse nas vias públicas e previa punição de dois meses de prisão, mais uma multa de 3750€.

Ser brasileira na França dos anos 2000 já evocava às vezes uma associação com a prostituição e com o Bois de Boulogne. Aconteceu algumas vezes, quando explicava o tema de minha tese em conversas informais, de franceses me perguntarem se no Brasil havia mais prostituição que em outros países, o que me causava certa perplexidade. Nos anos 1980, a associação era ainda mais comum, atribuída à grande presença de travestis brasileiras na prostituição do Bois. Nas décadas seguintes, a referência apenas ao Brasil diminuiu, pois as trans brasileiras passaram a dirigir-se mais à Itália (nos anos 1990) e à Espanha (a partir dos anos 2000), e prostitutas trans de diversos outros países latino-americanos adensaram

---

tema em diferentes lugares do mundo. Naquele contexto, fazia todo o sentido realizar o campo no Brasil e contribuir com os “dados” *d’ailleurs* para os debates teóricos e políticos que estavam acontecendo na França. Por outro lado, pensando no retorno para o Brasil, seria interessante entender o que estava acontecendo com as brasileiras que trabalhavam no mercado do sexo em Paris. Além disso, pesquisar especificamente brasileiras oferecia uma continuidade ao campo iniciado em Belo Horizonte.

<sup>6</sup> Alexandre Vale (2005), durante seu doutorado, realizou campo com travestis brasileiras e participou da pesquisa sobre prostituição em Paris coordenada por minha orientadora. Ele ia geralmente ao Bois de Boulogne acompanhando um ônibus da Associação PASTT (Prevenção, Ação, Saúde e Trabalho para os Transgêneros). Na p. 202 de sua tese, cita um dia em que foi ao Bois sozinho, mas não se atardou, porque “estava cansado de correr riscos”. Não desenvolve ali a questão, mas pode-se imaginar que para um pesquisador homem também não era tranquilo ir sozinho ao Bois.

<sup>7</sup> O *racolage* foi suprimido da lei francesa em 2016, quando se adotou a lei de punição dos clientes, inspirado pelo modelo sueco. Trabalhadoras do sexo e associações que militam por seus direitos denunciam que esse modelo de punição do cliente faz com que a prostituição tenha que ser exercida em lugares mais escondidos e precários, com menos segurança para as trabalhadoras.

o Bois. (VALE, 2005; PELÚCIO, 2011; TEIXEIRA, 2011; HANDMAN, MOSSUZ-LAVAU, 2005; FRANÇA, 2016).<sup>8</sup>

Por sugestão de minha orientadora, Marie-Elisabeth Handman, um colega do mestrado, Jonas Le Bail, me acompanhou nas duas primeiras vezes em que fui ao Bois. Depois, fui acompanhada por amigos brasileiros e um namorado. Na primeira visita, em 2006, Jonas e eu circulamos longamente até achar os locais de prostituição, que têm como via principal a Allée de la Reine Marguerite, e caminhamos ainda mais para achar onde se encontravam as brasileiras. Neste aspecto faz-se necessário descrever sinteticamente como a prostituição funciona no Bois de Boulogne. Embora seja difícil identificar as separações e passagens quando se está iniciando no local, as alas são divididas por nacionalidade.



Mapa 1. O Bois de Boulogne. Fonte: Modificação de Map data: Google, 2011, Maxar Technologies.

No Bois de Boulogne, travestis e transexuais da América do Sul se aliam ou se afrontam de acordo com suas origens. Em cada local de prostituição, a competição ou a solidariedade determinam as segmentações espaciais entre antigos e novos, francesas e estrangeiras, usuárias de drogas e não-usuárias. A passagem de um lugar a outro também pode corresponder às etapas de uma carreira na prostituição ou fazer parte de uma estratégia de migração mais elaborada (REDOUTEY, 2005: 53, tradução minha).

Acontece também uma divisão de acordo com os estados de origem das prostitutas trans brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Amapá, etc. Outra diferença entre as trabalhadoras é entre aquelas que realizam os programas<sup>9</sup> em um carro utilitário ou van com a traseira fechada, *camionete* em francês, e aquelas que o realizam no meio do bosque. Entre estas, a maioria dos programas são realizados

<sup>8</sup> Ainda nos anos 1990, a antropóloga Denise Pirani escreveu a tese “Quand les lumières de la ville s’éteignent: minorités et clandestinités à Paris, le cas des travestis” (1997), sobre a prostituição de travestis brasileiras no Bois de Boulogne.

<sup>9</sup> Programa é o nome dado em português ao serviço de troca de dinheiro por tempo e serviços prestados, entre eles, os sexuais; em francês, o nome para o programa é *la passe*.

em pé, entre as árvores. Há também algumas poucas tendas, que não chegam a ser barracas totalmente fechadas, que oferecem uma pequena cobertura para o ato sexual.

Quando fui ao bosque, não havia brasileiras trans trabalhando em utilitários, apenas quatro ou cinco brasileiras cis. Para se ter uma noção dos preços cobrados, entre 2006 e 2008, uma brasileira cis, na *camionete*, cobrava 20€ pelo sexo oral e 40€ pelo sexo vaginal. As trans, no bosque, cobravam 20€ pelo sexo oral e entre 30€ e 50€ para o sexo anal, variando com o valor por elas atribuído ao carro do cliente. Chegando ao Bois, uma iniciante, seja ela cis ou trans, tem que negociar seu direito de trabalhar no local, como acontece em outros lugares de prostituição de rua. Nas palavras de Ivone, uma trans do Macapá, é preciso “cavar um lugar para trabalhar” no Bois. Alguma travesti há mais tempo e com certa autoridade tem que “baixar”<sup>10</sup> a novata. É comum que uma veterana custeie a vinda de uma conhecida, pague a passagem, negocie a permissão de trabalho e, às vezes, ofereça a hospedagem a suas “baixadas”, cobrando 200€ por semana. Ocorrem casos nos quais a novata tem o passaporte “confiscado” até pagar sua dívida. Ivone comenta que se costuma ganhar 300€ ou 400€ por dia no Bois, então é possível pagar a dívida em dois ou três meses.

Quando finalmente Jonas e eu encontramos algumas brasileiras, mulheres cisgênero trabalhando em vans, o contato foi difícil: elas se mostraram desconfiadas e não quiseram prolongar a conversa ou nos passar seu telefone. Claudia, de Fortaleza, me perguntou várias vezes se eu não era francesa, pois meu sotaque de português lhe parecia estranho. Depois, quis saber se eu tinha visto de residência e de qual tipo. Indagou também se éramos de alguma associação. Acabou se desvencilhando de nós com algumas desculpas. Foi apenas no ano seguinte, depois de me ver algumas vezes, que uma dessas mulheres, que aqui chamarei de Beatriz, concordou em falar comigo. Era uma mulher cis que nasceu na Europa, mas cresceu no Brasil. Pelos idos de 1980, tendo dois diplomas universitários, estava desempregada, divorciada e com dois filhos. Ouviu falar do Bois por um amigo gay e, deixando suas filhas no Brasil, foi para Paris. Pagou à época o equivalente a 2000€ por sua entrada no negócio a uma prostituta que já estava no local. De acordo com Beatriz, em 2008, por causa do acirramento da lei de 2003, praticamente só permaneceram no Bois as mulheres cis brasileiras que tinham cidadania europeia ou tinham se casado com um europeu<sup>11</sup>. Tivemos alguns encontros e Beatriz se colocou à vontade, embora não tenha autorizado a gravação da entrevista. De fato, o clima na prostituição em Paris era de tensão, com prostitutas sendo presas, tendo que pagar multas altas e vendo seus ganhos diminuindo com a queda de clientes (HANDMAN e MOSSUZ-LAVAU, 2005). Outra suspeita em relação à minha presença foi explicitada por Ivone, mencionando que eu ia passar todas as informações que escutassem delas ao Sarkozy, então presidente, e ele ia acabar com a prostituição no Bois de Boulogne.

As travestis brasileiras trabalham em maior quantidade à noite, o que complicava ainda mais minha ida a campo. Estabelecer os contatos, conseguir reencontrar as pessoas, se mostrava difícil e, com o crescimento do meu trabalho em Belo Horizonte, principalmente com mulheres cis, decidi interromper o campo no Bois de Boulogne, depois de ir ao local por cerca de seis vezes, até 2008. Entrar

<sup>10</sup> Vale (2005) se refere à expressão “descer no Bois”, utilizada pelas travestis, tanto no sentido de ir cotidianamente ao local, quanto no de ser incorporada ao comércio do sexo do Bois. Algumas de suas interlocutoras não pagaram ao chegar, mas tiveram autorização para fazer programa no local através de trocas de favores e amizades.

<sup>11</sup> Conheci, no entanto, no Bois uma mulher recém-chegada, vindo do Nordeste, que não tinha papéis para continuar na França e outra, de Fortaleza, que ficava fazendo idas e voltas ao Brasil.

realmente em campo<sup>12</sup>, ainda mais na prostituição de rua, requeria investimento, tempo e companhia. Além do próprio ato de mobilizar alguém para me acompanhar, a companhia talvez trouxesse inconvenientes, pois implicava interagir e escutar as prostitutas acompanhada por homens, alguns homossexuais, outros heterossexuais, nem todos antropólogos. Naquele momento, acabei optando por centrar meu trabalho em Belo Horizonte.

Sendo difícil o contexto de pesquisa no Bois, é surpreendente que, da segunda vez em que lá estive, perguntei para uma trans sentada sozinha, de traços indígenas, vestida com um casaco de pele, se ela sabia onde ficavam as brasileiras e ela, sorridente, exclamou: “Brasileira? Eu sou brasileira!” Conversamos um pouco, trocamos contato e logo me convidou para ir a sua casa. Tive três encontros com ela, que aqui chamarei de Wanda, e seu marido, Fernando, brasileiro, negro de pele clara. Na primeira vez em que fui à casa deles, com Jonas Le Bail, e realizamos a entrevista transcrita mais adiante, eles nos convidaram para ir à festa de aniversário de quarenta anos de Wanda, anunciando de antemão que iriam quarenta casais de travestis com seus namorados.

Nosso segundo encontro se deu então em seu aniversário, realizado em um salão de festas de proprietários peruanos na periferia de Paris. Não havia mais nenhuma brasileira e as demais trans presentes eram todas da América hispânica, com exceção de um trans francesa, veterana do Bois de Boulogne. Como fui saber depois, Wanda nasceu no Peru e, com o processo de mudança de gênero, ainda adolescente teve que sair da casa da família e fugir para o Brasil. Apesar de naturalizada brasileira, com a ajuda de Fernando, na Europa a “brasilidade” de Wanda não foi aceita pela comunidade de trans brasileiras, que estranhou seu sotaque. Não são raros os conflitos nas ocupações de espaço e certos reagrupamentos na prostituição de rua de migrantes na França e na Itália (VALE, 2015).

No aniversário, grande parte das travestis estavam acompanhadas de homens cis, franceses, muitos deles de origem árabe<sup>13</sup>. A decoração do local, a produção e a roupa de Wanda lembravam um baile de debutante. Havia outro aniversário no mesmo salão, de uma família peruana mais tradicional. Cada grupo ficou de um lado, sem interagir. Foi uma grande alegria quando as convidadas de Wanda começaram a dançar salsa e rapidamente se espalharam pela pista de dança. Foi um dos dias mais felizes de minha vida e me parece, hoje, que coloquei a antropóloga de lado naquele momento. Entretanto, tratava-se principalmente de um momento de criar os laços ou, fazendo uma referência cara à disciplina, de fugir da briga de galos (GEERTZ, 1989).

Alguns dias depois, Jonas e eu voltamos à casa de Wanda para ver as fotos do aniversário. Naquele momento, eu me preparava para voltar ao trabalho de campo no Brasil e Wanda e Fernando também iriam ao Brasil e ao Peru. Nesse dia, enquanto estávamos lá, Wanda falou com sua irmã ao telefone; estava supervisionando as obras realizadas na casa de sua mãe. Mostrou-me fotos da casa,

<sup>12</sup> Já que era difícil ir constantemente e ficar muito tempo no Bois, eu pedi o telefone de algumas trabalhadoras que encontrei, de maneira a encontrá-las em outro local, assim como fiz na prostituição de rua em Belo Horizonte. Na Avenida Afonso Pena (o mais famoso ponto de prostituição de rua da capital mineira), marquei com algumas mulheres na casa delas, na própria avenida ou em um bar próximo, antes de elas começarem a fazer programa. Mas, uma vez que se tem o telefone, uma outra aventura começa para conseguir concretizar um encontro. Na zona boêmia, um facilitador é que as mulheres alugam constantemente um mesmo quarto e é mais fácil estabelecer um horário e voltar ao local em que se encontram. Meu campo na zona boêmia me permitiu ir aos hotéis várias vezes por semanas, somando todos os períodos, por mais de um ano e meio. Ali, realizei entrevistas com prostitutas nos quartos, circulei de quarto em quarto com monitoras de saúde do GAPA, participei de reuniões, observei interações, corredores, cantinas, salas de gerência, entrevistando também funcionários, donos de hotéis e clientes.

<sup>13</sup> De acordo com o que me contaram interlocutoras, e se pode ler na tese de Alexandre Vale (2005), muitos clientes do Bois – das trans da América-Latina, pelo menos – são classificados por elas como árabes. Wanda disse que a maioria de seus clientes são franceses, mas há muitos árabes também.

cuja construção Wanda bancava. O casal mostrou também, orgulhoso, fotos de travestis cujos corpos produziram em seu período como “bombadeira” (termo usado para quem aplica silicone). Antes de viajar, falei ainda por telefone com Wanda e lhe passei meu endereço no Brasil. Quando voltei à França, sete meses depois, o telefone dela já não estava conectado e, desde então, nunca mais consegui estabelecer contato.

## A entrevista

Era um domingo do inverno de 2007. Wanda nos convidara para uma feijoada em sua casa, no noroeste de Paris. Morava em um pequeno apartamento de quarto e sala que ficava no prédio atrás de um hotel. São comuns em Paris os prédios menores, aos quais se tem acesso passando pela entrada do edifício principal. No caso, o dono do hotel locava os apartamentos desse segundo prédio cobrando o aluguel adiantado, por semana, e um preço mais alto que o do mercado, pois abrigava imigrantes sem exigir documentos de residência - que Wanda e Fernando não tinham, já que estavam ilegalmente no país. O apartamento era relativamente espaçoso para os padrões parisienses. O mais incômodo era que havia apenas um banheiro para os habitantes dos três andares do prédio, e ficava localizado no pátio de entrada, fora do edifício. Wanda e Fernando moravam, no entanto, no Paris intramuros<sup>14</sup>, e o hotel não ficava longe do Bois, para onde Wanda ia e voltava de taxi.

Ela nos contou que tinha trabalhado aquela noite inteira no Bois. Havia chegado às nove horas da manhã e não dormiu, dedicando-se a preparar a feijoada. Além de nós (Jonas e eu), ela tinha convidado uma amiga trans peruana que trabalhava na Itália e estava de passagem por Paris, e um casal que morava no andar de cima, formado por uma trans peruana e um homem cis romeno, apontado como melhor amigo de Fernando. Esses outros convidados chegaram mais tarde, enquanto conversávamos. A entrevista, a princípio, estava voltada principalmente para Wanda mas, como se verá adiante, Fernando toma conta da conversa e responde muitas vezes por sua parceira, o que indica uma dinâmica tradicional de gênero na relação, que apenas entrevi, como indicarei adiante. Ao mesmo tempo, Wanda se mostra reticente em responder e tocar em pontos íntimos nesse primeiro encontro e existe uma questão da língua: ela perdeu a fluência do português quando voltou a falar em espanhol com suas colegas e, como Jonas (que era francês) estava conosco, Fernando se dirigia a nós principalmente em francês. O brasileiro falava francês surpreendentemente bem, considerando que não trabalhava e não exercitava a língua com tanta frequência. Wanda arriscou poucas vezes um francês misturado com português e espanhol. A entrevista se deu principalmente em francês, pela iniciativa de Fernando, mas às vezes ele próprio inseria palavras ou frases em português. Eu traduzi a transcrição que publico para o português. Não indico em geral a língua de cada trecho ao longo de todo o texto, porque a alternância é grande, mas sim as passagens em que fiz cortes ou em que faço resumos e apontamentos, quando as falas estão inaudíveis ou justapostas, principalmente a partir do momento em que os outros convidados chegam e há conversas paralelas<sup>15</sup>.

Nesse primeiro encontro, eu informei minha intenção de gravar e iniciei uma entrevista, na sala, em que nós quatro estávamos sentados. Atualmente, acredito

<sup>14</sup> Paris intramuros se refere ao interior do anel que circunda a cidade. Nas cidades da periferia de Paris, que a contornam, os aluguéis costumam ser mais baratos.

<sup>15</sup> Optei também por retirar alguns trechos confusos e longos no final da entrevista, pois não haveria espaço no artigo para toda a transcrição.

que teria mantido o primeiro encontro informal, conhecendo mais o campo e as pessoas, ao invés de me colocar na posição de pesquisadora e rapidamente tirar o gravador. No entanto, acho que as duas opções podem ser interessantes, variando de acordo com a situação. Em minha tese de doutorado, aconteceu muitas vezes de eu construir uma interação através de uma entrevista formal e, depois, repetir encontros informais, e a situação inicial estruturada funcionou bem.

**Pesquisadora:** [Pergunto em português, voltada para Wanda] Você podia contar para a gente um pouco da sua história, assim, onde você nasceu, como foi sua trajetória...

**Fernando:** A história da tua vida? São Jerônimo! [Risos]

**Wanda:** O tempo que eu morei com ele...

**F:** Eu até tenho vontade de fazer um livro, escrever no computador.

## Uma vida em movimento

**F:** [Começa a falar em francês] Quando ela era bem pequena, ela estava no Peru. Mas sua família, ela não aceitava muito bem, então ela foi para o Brasil, do Peru, pela fronteira da Amazônia. Aí, pela fronteira brasileira, ela ficou... Ela fez vários amigos em Manaus. E a vida dela é bem interessante, porque ela começou a... em cada fronteira que ela passou, ela ficou um pouco em cada cidade, e assim, aos poucos, ela se aproximou de Brasília. De pouquinho em pouquinho, ela conheceu Manaus... ela conhece mais o Brasil do que eu. Ela foi, assim, de carona, ela viajava tantas horas de barco, então ela pegava o barco até a próxima cidade. Quando você viaja de barco, tem a fiscalização, “la douane”, mas a fiscalização, ela não é muito forte, ela deixa estrangeiros passar, mesmo sem documentação. Ela foi pra Manaus. Manaus, a primeira capital, ficou lá quatro anos, né?

**W:** Não, seis meses.

**F:** Seis meses?

**W:** Manaus, não fiquei.

**F:** E cada vez mais, ela foi se aproximando mais. Aí, foi Porto Velho, Rondônia e depois São Paulo. Só que aí, ela foi em Porto Velho, ficou um tempo em Porto Velho, sempre trabalhando com prostituição e tudo mais. E depois ela foi pra Brasília. Né?

**P:** E lá no Brasil, depois, você conseguiu ficar legal?

**W:** Não, foi depois que conheci ele, que legalizei como brasileira mesmo.

**P:** Como?

**F:** No Brasil, quem tem mais de dez anos, ganha direito à documentação<sup>16</sup>. Se você for estrangeiro, e ficar mais de dez anos no Brasil, você tem direito à nacionalidade brasileira... e à documentação. Eu que fiz a documentação para ela.

**W:** Me pediram para eles confirmarem o tempo que eu moro lá, e as pessoas que me conhecem têm que confirmar que eu moro o tempo que eu estou falando.

**F:** Alguém tem que ir no tribunal para dizer: “Eu a conheço, ela está aqui...”, para facilitar. E aí depois, depois que a gente se conheceu, que eu conheci ela, em Brasília, aí começou a minha parte de viajar. Com 14 anos, meu pai me botou na rua, minha mãe... assim, minha vida até os onze anos era uma maravilha, certo? Meu pai, minha mãe, eu, meu irmão. Depois, meu pai se separou da minha mãe.

FRANÇA, Marina Veiga.  
“É uma vida esquisita, um pouco esquisita, mas boa”

<sup>16</sup> O artigo 12 da Constituição Brasileira de 1988 prevê que podem se naturalizar brasileiros: “os estrangeiros de qualquer nacionalidade residentes na República Federativa do Brasil há mais de quinze anos ininterruptos e sem condenação penal, desde que requeiram a nacionalidade brasileira”.

Meu pai continuou em Brasília e minha mãe foi pra Fortaleza, no Ceará. Depois que a minha mãe estava em Fortaleza, eu fiquei um tempo com a minha mãe, não gostei muito, voltei para ficar com meu pai, aí começaram as brigas. Meu pai me batia muito. E aí, com 14 anos, ele veio me bater, eu já tinha uma cabeça formada e não deixei ele me bater, mas não levantei a mão para ele também, né? Mas aí eu falei que ele não podia bater em mim. Aí, com 14 anos, primeiramente, fiquei na casa dos meus amigos, vivi acho que uns seis meses. Um belo dia, eu trabalhava à noite com carrinho de cachorro quente, hot dog, uma noite... Em Brasília, em frente à Universal do Reino de Deus, mas atrás da Igreja, é um ponto de prostituição. Um dia, ela passou para comer e fizemos amizade. Ela me convidou para ir à casa dela, uma vez, e depois, depois de estarmos juntos, eu fiquei sempre [risos]. Sempre, sempre. E, depois de ficarmos juntos, viajamos para São Paulo, para Minas, para Porto Alegre, eu ia sempre em Fortaleza. Ela também foi para o Rio Grande do Sul.

**P:** Mas por que vocês viajavam?

## Vida de “bombadeira”

**F:** Ela tem um trabalho...

**W:** Eu trabalhava com um eixo da medicina, entende? Da medicina... o trabalho meu era diferente, que eu trabalhava com silicone...

**P:** Ah é?

**W:** E como fiz medicina, aí... como eu estudei medicina, aí eu tinha que explorar uma experiência a mais.

**P:** Você estudou onde?

**W:** Estudei em Brasília.

**F:** Não medicina, ela tentou fazer um curso de enfermagem. Ela fez dois anos. E com dois anos, já deu para ela descolar o essencial, porque ela trabalhou com silicone. Por exemplo, eu sou gay, eu gostaria realmente de ser uma travesti, eu vou procurar alguém que trabalha com silicone, para fazer a cabeça. E ela trabalha assim. Eu e ela trabalhamos assim.

**P:** Ah é? E aqui vocês estão fazendo isso?

**F:** Não! Aqui na Europa é difícil, porque silicone você só pode colocar em lugar quente, em país quente. Onde faz frio, o silicone fica frio também, então ele te dá uma infecção pulmonar, ou alguma coisa assim do tipo, bem ruim. [...] Muitas travestis que estão aqui na França, na Espanha, na Alemanha, foi ela que fez. Ela e eu, eu também.

**P:** Ah é?

**F:** Eu que fiz isso [o silicone de Wanda]

**P:** Verdade?

**F:** Sim, eu que coloquei, mas agora ela precisa tirar um pouco. Tem treze litros de silicone, em todos os lugares, braço, peito, na boca...

**Jonas:** E como faz para comprar silicone?

**F:** No Brasil, não é proibido, silicone. Compramos para fazer parafina, para cortar o cabelo. Ele já está preparado, a gente tem que comprar natural, não manipulado. Então, a gente propõe isso, somente o puro. E outra coisa, é perigoso. Então, a Wanda é a única pessoa que, por minha causa também, se a pessoa queria colocar silicone, tinha que ficar quinze dias com a gente. Porque as outras pessoas não ficam com a pessoa que vai colocar silicone. A pessoa vai na casa e tchau, é problema seu. Nós, não, ficamos quinze dias, damos remédio, e depois de quinze dias, depois que o perigo passa, a gente pode deixar a pessoa ir.

[...]

**F:** Mas agora ela é arrependida, ela quer tirar: de treze litros, ela quer tirar quatro. Ela vai colocar uma prótese, porque o silicone, ele fica bem retinho, mas depois de certo tempo, quinze, vinte anos, ele começa a machucar. Ela está cansada. [...] Ela tem a mesma agilidade, mas não muito tempo. Antes ela suportava ficar cinco horas, hoje ela fica duas horas [no Bois]. Por causa do silicone, ele gela como um sorvete. Quando faz sol...

**W:** Esquenta muito.

**F:** Ele se dilata, fica muito, muito quente.

**W:** Aqui, é porque aqui, na França, não é muito calor, sabe, mas no verão... oh, menina!

**F:** Ela tem problemas de respiração.

**W:** Mesmo no frio, tem que estar tudo aberto, tem que estar aberto... para me dar tranquilidade. Se fechar tudo assim [indica as janelas]... é uma coisa assim de química... Então, a gente tem que aguentar, a gente fez...

## Fazer prostituição

**F:** A gente gostava muito da natureza, a gente trabalhava durante a semana, e todos os dias, no final de semana, a gente ia para o rio, para um córrego... É uma vida maravilhosa. É uma vida maravilhosa. Assim, ruim pela parte que ela trabalha, tem que fazer prostituição. O trabalho que você faz no Brasil, em comparação com a mesma coisa que você faz aqui na Europa, é cinco, dez vezes mais que elas ganham aqui do que ganham no Brasil. Por isso, é natural, é natural isso, no Brasil, todos os travestis<sup>17</sup> trabalham, os novos agora, a nova geração agora, vai se montar, colocar silicone, mas o futuro é tudo aqui para a Europa, porque é passageiro lá, não vale a pena ficar, trabalhar, aqui ganham dez vezes mais. Mas hoje já não está assim, as brasileiras vinham aqui e voltavam para lá, compravam apartamento, carro, rapidinho, mas agora não.

**P:** Agora está mais difícil.

**W:** Está mais difícil!

**F:** Mas mesmo estando mais difícil, está melhor que no Brasil.

**W:** O pouco que a gente ganha aqui já é diferente. É, mas assim, um povo que trabalha aqui na área, é violentada, é agredida de tudo!

**P:** Já te aconteceu alguma coisa aqui?

**W:** Já, já! No Bois de Boulogne acontecem muitas coisas. Muito...

**P:** Que tipo de coisas?

**W:** Assim, agressões, de roubo...

**F:** Isso aqui [aponta cicatriz em Wanda], olha, isso aqui ela foi trabalhar em Brasília. Um cara chegou em uma moto e pediu para fazer um programa com ela. Ele perguntou: “Quanto?”, ela disse “130 reais”. Ele disse “Você não merece 130 reais”. Aí o cara saiu. Ela ficou tranquila, mas depois de dez, quinze minutos, o cara voltou e insistiu, insistiu, para fazer o programa. Ela disse não. Na hora, ele pulou da moto e disse: “Se você não vai quer fazer comigo, não vai fazer com ninguém!” [Faz barulho de que bateu nela].

**J:** Na França?

**F:** Não, no Brasil, mas isso pode acontecer mesmo aqui.

**W:** Por isso que eu tenho medo de...

**F:** [interrompe]: Mas nesse dia, o dia das bruxas, no Brasil é dia de Finados.

FRANÇA, Marina Veiga.  
“É uma vida esquisita, um pouco esquisita, mas boa”

<sup>17</sup> Fernando se refere mais de uma vez a travesti no masculino, utiliza o feminino uma vez e, quando está falando das colegas e amigas de Wanda, costuma utilizar o pronome “elas”.

E ela nunca sai dia de Finados. E na noite de Halloween, ela foi.

**W:** Por isso que eu tenho medo, dessa data, para mim...

**F:** Não trabalha. Nos feriados santos, ela não trabalha... no dia de Finados, ela não trabalha. E, e, em dias especiais assim, ela não trabalha.

Wanda era da Umbanda, no canto da cozinha havia um altar com Yemanjá e São Jorge. Disse-me que foi a religião que a aceitou. Tentei abordar mais o assunto de como era a prostituição no Bois de Boulogne, mas ela respondeu de maneira vaga. Entendi que, pelo menos ali, ao lado do marido, não era o assunto a ser desenvolvido. Aliás, foi apenas nos momentos informais que consegui conversar mais diretamente com Wanda, principalmente no encontro seguinte.

## É política

**F:** Antes, ela falava mais português, que ela viveu quinze anos no Brasil, falando só português. Mas teve um problema, depois que ela chegou aqui.

**W:** Comecei a falar espanhol.

**F:** Só fala espanhol! Que as amigas dela são peruanas, equatorianas...

**W:** Eu trabalho lá com peruanas, equatorianas, então já não pratico mais português em Paris. Só com ele...

**P:** E com brasileiras, você não conversa?

**F:** No Brasil, nós temos bastante amigos, brasileiros, mas aqui não.

**W:** Aqui tem pouca, trabalhando comigo, brasileira.

**F:** Não são de confiar muito não. É triste né, porque olho aqui, os peruanos e os equatorianos<sup>18</sup>, eles são todos amigos. Se alguém briga, todo mundo vem ajudar. Mas as brasileiras não, as brasileiras é uma tentando fazer a outra ser deportada e tudo mais, para ganhar mais dinheiro.

**W:** Maldade.

**P:** Ah é? Que engraçado...

**F:** Os brasileiros não são como os peruanos. Os peruanos e os equatorianos são geniais, as brasileiras...

**P:** Então, tem muitas brasileiras aqui, mas não são unidas?

**F:** Unidas, elas são, assim, para trabalhar. Mas por trás, tem sempre alguém que planeja alguma coisa, que a gente fala “doce”, né? Chama no Brasil de “doce”. Só que doce é uma coisa mal, se você fez mal para alguém, essa pessoa vai te mandar um doce. Esse doce é um castigo para você. Ele vai mandar, contratar alguém para ir lá fazer programa contigo, ele vai fazer o programa contigo, roubar seu dinheiro, bater nele, te bater, e tudo mais.

**P:** Acontece isso?

**W:** Acontece! Muito.

**F:** Até morte. [...] Para ganhar o lugar dela aqui, ela [Wanda] fez mal a muita gente, muita gente. Os equatorianos, ela brigou; as francesas, ela brigou também. Para ficar, para trabalhar durante o dia. Porque cada hora tem alguém que trabalha.

**J:** Você trabalha de dia e à noite?

**W:** Não, trabalho na “journée” [dia em francês]. Então, assim, quando não trabalho em “la journée”, eu trabalho “la nuit” [à noite].

**F:** Antes, ela trabalhava somente à noite. Quando ela queria trabalhar de dia, as outras não deixavam.

<sup>18</sup> Na tese de Vale (2015), ele relata que as brasileiras viam as equatorianas como as mais violentas, cobrando “multas” para quem trabalhasse no Bois.

**W:** De dia, trabalho de segunda a sexta. Quarta, fica fechado. As crianças vão lá<sup>19</sup>.

**P:** Mas como que é esse negócio de conquistar o espaço?

**W:** Você chega, assim, nova, não conhece nada. Mesmo os franceses, qualquer pessoa, para continuar trabalhando, você tem que brigar com o outro.

**F:** [traduz para o francês] “Faire la bagarre” [brigar].

**W:** Sofre um pouco, mas acaba ficando.

**F:** Quando chega alguém novo na área, as que já são velhas lá, que estão tem bastante tempo, elas não vão ganhar dinheiro. Quem vai ganhar dinheiro é a pessoa nova, que chegou, porque é carne nova, é novidade. [...] Tem dia que você pode ir lá e dar muita sorte de ganhar 200€, 300€, 400, 500€, depende. Mas tem dia que não ganha nem um euro.

Em seguida, pergunto a Wanda se ela já foi presa, e ela fala sobre o assunto, mas a dificuldade da língua torna inviável a transcrição *ipsis litteris*. Fernando complementa as explicações, mas ainda fica confuso como essas prisões e liberações acontecem. O casal conta que Wanda já foi presa mais de dez vezes pela polícia francesa, mas como ela não mostra seu documento, a polícia não sabe de que país ela vem e não tem como deportá-la; depois de um tempo, a libera. Acrescentam que na França, quem tem HIV/AIDS não é deportado. Com efeito, desde 1997, os estrangeiros com doenças graves que não podem ser tratados em seus países de origem podem solicitar um visto para cuidados<sup>20</sup>. No entanto, como o Brasil possui tratamento para HIV/AIDS pelo SUS, houve negações do governo francês em conceder o visto para pessoas brasileiras. Não sei a situação de outros países da América Latina. Fernando e Wanda dizem que entre seus amigos, eles são os únicos que não são portadores de HIV, e sempre fazem o teste. Advertem em voz baixa que não é para falar sobre “a doença” quando a amiga peruana chegar.

Fernando brincou novamente que, escrevendo um livro sobre Wanda, ele iria para a Academia de Letras Francesa, “porque as pessoas gostam disso: traficante, favela...” e que a história de Wanda não tem favela, mas é cheia de aventuras, de coisas estranhas.

**F:** Eu queria realmente falar da história dela, eu queria fazer um filme sobre ela. Mas são histórias que... Como dizer? No Brasil, se alguém soubesse disso, poderiam fazer mal a ela. Ela passou por uma história, entendeu? A vida dela, ela teve que vir para a Europa<sup>21</sup>, a única opção da vida dela era vir para cá, ela não podia continuar no Brasil.

**P:** Por causa de risco?

**F:** Por causa de risco, por causa de polícia, por causa de um monte de coisa. Então, ela teve que vir para cá. Então foi uma coisa que caiu certo para a gente. Teve um problema que aconteceu, justo quando a gente estava planejando as coisas. E aí, do nada, apareceu a viagem dela, uma amiga dela que mora aqui e quis ajudá-la e mandou a passagem, ela veio para cá, ficou em Nice primeiro, não deu muito bem. Teve briga com os travestis. Depois, ela foi para a Itália. Aí, ficou quanto tempo na Itália? Eu esqueci. Ela ficou quatro meses, porque na Itália, e

<sup>19</sup> Na França, não há aula nas quartas-feiras, e as crianças vão passear no Bois.

<sup>20</sup> Sobre a perda de legitimidade do direito ao asilo político na França e o deslocamento de valor para o direito do ser humano à saúde, ou seja, um deslocamento da legitimidade da vida política para a vida biológica, ver Didier Fassin (2005).

<sup>21</sup> No encontro seguinte, Fernando nos contou que eles estavam em sério conflito com uma pessoa em Brasília por conta de território, então foram para São Paulo, onde Wanda foi confundida com outra pessoa e ficou nove meses presa. Segundo ele, quando saiu, tinha emagrecido, seus cabelos tinham sido cortados.

Nice, tem peruanos, mas como ela falou português, os peruanos que estavam lá, eles não acreditaram que ela é peruana. Por isso, ela foi para a Itália. Na Itália, a mesma coisa. Aqui e na Itália, a gente nunca vê as pessoas misturadas. Sempre um lugar para os peruanos, um lugar para os brasileiros. Eles são bem organizados. Às vezes, se alguém faz alguma coisa de mal, os próprios brasileiros falam: “Sai fora, você não vai ficar aqui”. E aí, um órfão, ele vai buscar um lugar, ele pede aos peruanos: “Eu sou brasileiro, não posso ficar lá, posso ficar aqui?” E aí, depende. Para ficar, tem que dar dinheiro. Aqui, dar dinheiro, é crime. Então, se pede presente. “Ah, você dá um presente e você fica”, mas elas decidem. Se não querem ninguém em seu lugar, ninguém fica. Mesmo ela, Wanda, teve que brigar com outras, com outras pessoas que trabalham, com outras órfãs, para poder trabalhar no lugar dela. É política. Ela não é como as outras. No Brasil, ela não trabalhava assim, ela trabalhava com o silicone. Mas, como pode falar? Ela não era cafetona, tinha uma cafetona, em Brasília, que chama Kaila Faisão. E essa cafetona é muito amiga dela. Porque ela é boa, mas ela é má também, bem má. Assim, quem é boa com ela, ela é boa com a pessoa; mas se a pessoa é ruim com ela, ela faz o pior com a pessoa. Essa é a lei que funciona em Brasília, é a lei que funciona em São Paulo, tudo mais. Você tem que sempre dar o seu respeito. Você tem um nome, ela se chama Wanda, então ela tem que fazer esse nome crescer, ficar lá no alto. Eu vi que no Brasil, tem sempre que impor respeito. Se você tiver um nome e trabalhar como travesti, tem que colocar o máximo de moral.

Em São Paulo, Fernando diz que fizeram amizade com pessoas perigosas, para poderem viver tranquilos e terem proteção em caso de necessidade. Fala dos esquemas de cafetões na cidade, que se enfrentam para que as travestis ocupem os pontos de trabalho disputados.

## Os planos de Fernando

**F:** Eu não sei o que será da minha vida daqui quatro anos. Já brigamos, nós brigamos, mas é por isso. Eu gosto que ela vá durante o dia. Quando eu cheguei, duas, três semanas, eu achei que ia arrumar trabalho, mas não é nada disso. Mas consegui ficar com ela.

Fernando pensa em opções para se legalizar na França e poder trabalhar. Ele teve dificuldades de achar trabalho quando chegou (seis meses depois de Wanda), pelo nível de francês à época, mas principalmente pela falta de autorização para residir na Europa. Tentou trabalhar em uma feira, depois tentou ser pedreiro, mas o responsável lhe disse que sem os papéis não era possível. Sugeriu a Fernando conseguir documento de identidade português, falsificado. Fernando também já considerou se casar com uma francesa ou ter filho no território para se legalizar. Conversamos um pouco sobre o assunto, eu lhe disse que nascer em solo francês não garantia mais a nacionalidade francesa. Desde o início dos anos 1990, o direito do sangue tinha substituído o direito do solo (Ver FASSIN, 2009).

Fernando continuou dizendo que sempre trabalhou como vendedor, massagista ou em restaurantes. Trabalha com lábia, “algo realmente brasileiro”, e tenta explicar a Jonas o que é: “Você tem que ser mais esperto, para induzir uma pessoa que quer comprar algo, você tem que ser mais esperto que ela”. Quer que Wanda faça uma operação de transgenitalização, e está atento às informações sobre o melhor país para realizá-la, bem como às inovações que permitem manter a possibilidade de orgasmo.

F: Antes, quando... Eu queria realmente um filho, eu sempre quis uma criança, uma filha, mas minha. Tentamos achar uma barriga de aluguel, no Brasil mesmo, mas não funcionou. Deixamos para lá. Ela queria realmente uma filha. Muito, muito muito. Mas no Brasil, para adotar, ela precisa cortar, ela precisa fazer a operação, para poder adotar. Porque assim nós somos um casal homossexual.

## Família e dinheiro

Wanda gasta com o aluguel, alimentação, o táxi para ir e voltar do Bois. Ela manda dinheiro para sua mãe, reformou a casa dela, comprou uma casa para a mãe de Fernando. Wanda não tinha tido contato com a mãe até ir para a França. De lá, falou com a mãe, descobriu que estava doente e passando dificuldades.

W: É perto da fronteira, quatro dias. Da fronteira, para Manaus, mais sete dias. Primeiro lugar é a família, segundo, somos nós.

F: É todo mês, todo mês, ela tem que mandar dinheiro para a mãe, para a casa, para os seus irmãos. Fora eu! [Risos] Fora eu, que eu não estou trabalhando! Eu não estou trabalhando agora. Então, eu sou mais um peso nas costas dela. Porque se eu tivesse trabalhando, tudo bem, mas eu não estou e me dói a cabeça. Tem hora que minha cabeça dói. É o primeiro ano da minha vida que eu estou sem trabalhar.

[...]

F: Mas eu não quero voltar para o Brasil. É bom, bonito, mas é isso, sem dinheiro, se você não tiver trabalho lá, se você não tiver casa, se você não tiver seu próprio carro, você não é nada. Então, estou esperando ela terminar de ajudar a mãe dela, porque é ela primeiro. A gente queria fazer primeiro, a gente comprar nossa casa, a gente queria comprar nosso carro. Mas como ela retomou o contato com sua mãe, ela falou: “Primeiro, vou ajudar minha mãe, minha família, depois nós vamos fazer para nós”. Eu dediquei oito anos da minha vida para ficar com ela [quando começaram a relação ele teria por volta de dezesseis anos e ela trinta e dois] e o que temos hoje? Nada. Não é exatamente isso, agora eu falo francês, eu falo italiano, eu falo português. Eu tento falar italiano, não muito [risos]. [...] Eu falo mais de três línguas, eu posso achar um trabalho.

Eu parei, eu parei no segundo grau, eu parei um mês antes de acabar o colégio. Depois, a universidade... Mas agora não posso fazer isso. O governo brasileiro, ele ajuda os estudantes brasileiros que têm menos de vinte e cinco anos e que já estão na faculdade, que estão fazendo faculdade.

Fernando conta, com empolgação, que tem vontade de conhecer o Peru, gosta das histórias Inca, das populações antigas, de arqueologia.

F: Eu realmente gostaria de estudar isso. Eu sou...realmente inteligente. Tenho muita facilidade, uma capacidade incrível de aprender as coisas. O problema é que faltaram para mim... os meios de estudar. Eu amo estudar, mas não tenho condições de ir à faculdade. Ela vai ajudar a mãe dela até junho. Quando terminar a casa, vai ser para a gente, vamos fazer a nossa casa, ou guardar dinheiro.

É engraçado. É uma vida esquisita, um pouco esquisita, mas boa. Eu tenho vinte e quatro anos. Eu viajei, eu aproveitei a minha vida mais que alguém com sessenta anos, setenta anos, mais! Tem gente que trabalha e quando tem quarenta

ou sessenta anos, começa a viajar. Eu não, comecei antes. Mas a gente aproveita. A vida da prostituição é difícil, é perigosa e tudo mais. Mas também tem as coisas boas. Elas se divertem, quando elas querem se divertir; quando elas vão se divertir, elas se divertem como se fosse o último dia da sua vida e é assim... Algumas amizades que nós temos são boas, nem sempre, mas algumas são boas. Ela vai fazer o aniversário dela. Quarenta casais vão.

A conversa continua e, depois, paro de gravar quando vamos comer a feijoada de Wanda, que além de garantir a vida do casal no espaço público, cuidava também da cozinha.

## Apontamentos finais

É perceptível o grande acolhimento que tanto Wanda quanto Fernando tiveram comigo e Jonas. Penso em duas ou três questões relacionadas a essa abertura. Primeiramente, foi depois de saber que o reconhecimento como brasileira era algo em jogo na vida de Wanda que entendi seu sorriso surpreso quando perguntei, ainda no Bois, onde ficavam as brasileiras. Além disso, Wanda teria entendido que Jonas era meu namorado. O mal-entendido foi esclarecido quando Fernando perguntou se Jonas já tinha experimentado feijoada; como um suposto namorado de brasileira, esperava-se que sim. Quando neguei o relacionamento, Fernando ainda comentou: “Mas ela [Wanda] disse que viria Marina com o namorado”. O convite de Wanda para ir a sua casa, onde estariam também outros de seus amigos, transparecia ser o de inserir um casal franco-brasileiro em seu círculo, eles que pareciam valorizar tanto as amizades (mesmo que nem todas fossem “boas”) e estabelecer suas conexões através delas. “É assim que eu aprendi”, disse Fernando sobre as amizades no Brasil, “Eu fiz amizade com todos os caras de favela. Todos os caras, todos os ladrões, todo mundo. É assim que a gente fez. Lá não é como aqui, aqui não tem perigo”.

Receberam-nos como amigos, não pareciam estar nos esperando para uma entrevista, apesar de eu ter me apresentado como pesquisadora e explicado o estudo. Imagino que minha nacionalidade também tinha importância como conexão para Fernando que, sem trabalho, vivia seu cotidiano de maneira bastante isolada. O casal abriu as portas de sua casa e – diante de uma reconfiguração no momento, Fernando tornou-se o principal interlocutor – abordaram uma série de assuntos íntimos ou delicados sem maiores pudores. Foi principalmente Fernando que foi tomando a palavra de Wanda, contando e esclarecendo fatos. Quanto a isso, podemos pensar ainda na solidão do migrante, no falatório que dispara em ocasiões em que se encontra um conterrâneo, que vivi também em outras ocasiões de minha vida na França.

Na entrevista, Fernando se mostrou sensível a uma série de questões vividas por Wanda, e um desconforto por não estar trabalhando e “ser mais um peso nas costas” da parceira. Mas alguns elementos que permitem pensar de maneira mais complexa a relação dos dois apareceu fora da entrevista, na última vez em que os vi. Fernando comentou que estava aconselhando um amigo no Brasil, que tinha saído da prisão, a casar-se com uma travesti, como forma de se ajeitar na vida, “afinal ele não tem mais nada a perder”. Mesmo se tinha planos e sonhos educacionais e profissionais, o casamento de Fernando com Wanda garantia uma condição financeira satisfatória no presente e a possibilidade de um conforto futuro.

Nesse mesmo dia, quando cheguei, Fernando tinha saído. Wanda disse que o marido ia ao Brasil e ia ser bom para ela descansar, pois ele estava lhe dando

muita dor de cabeça, “você sabe como são os homens”. Depois de um tempo, Fernando entrou na casa, e sem perceber que eu já tinha chegado, falou de maneira ríspida com Wanda: “Faz meu prato!” Ao me ver, justificou-se que tinha ajudado em uma mudança e estava exausto. Atritos e negociações da relação apareceram outras vezes. Fernando perguntou à mulher quem era um Daniel italiano, que estava registrado no telefone dela. Em outro momento, disse que quando ele arrumasse emprego, Wanda poderia parar de trabalhar e ficar com a mãe dela, ao que sua mulher rapidamente reagiu dizendo que não, “você está louco, homem sem dona arruma outra”.

É comum que travestis trabalhadoras do sexo pertencentes às classes populares e se relacionando com homens de classes populares brasileiros sejam responsáveis pela subsistência do casal quando vivem conjugalmente, inclusive quando o casal vive no exterior<sup>22</sup>. Segundo Marcos Benedetti, os maridos das travestis costumam ser das camadas sociais mais baixas, jovens, considerados bonitos/atraentes, com apresentação “viril”, e apresentar uma masculinidade estereotipada, como ser violento ou ter se envolvido em situações de violência, pode ser valorizado. Percebe ainda que “para as travestis, o fato de sustentarem seus ‘bofes’ não causa nenhuma estranheza ou contradição. Acreditam que, assim fazendo, manterão seus ‘bofes’ fiéis” (BENEDETTI, 2005: 122). Don Kulick também apresenta as trocas nos relacionamentos de travestis de maneira bem crua: os namorados entrariam na relação por presentes e dinheiro, e elas estariam bem cientes de que a travesti que pagar mais leva o namorado e tem poder sobre ele. É importante destacar que tais trabalhos foram publicados na primeira década dos anos 2000. Outros trabalhos relevam mais diferentes afetos e o amor nos relacionamentos, como o de Zampiroli (2018).

Tanto a artista Linn da Quebrada<sup>23</sup> quanto Amara Moira, travesti putafeminista e doutora em crítica literária, manifestam-se sobre a dificuldade que é para as travestis viverem o amor, serem amadas, principalmente por homens cis. Moira pergunta-se “se haveria amor livre para nós travestis, em especial as 90% que estão no combo travesti + prostituta” (MOIRA, 2016: 193).

A ambiguidade em torno dos desejos e das possibilidades não é fácil de se resolver. Ao mesmo tempo em que aparece a afirmação do poder de travestis sobre os homens através do dinheiro, muitas delas originárias de classes populares, compartilhando um modelo de conjugalidade com seu meio, dizem almejar um parceiro provedor e associam a feminilidade com o espaço doméstico. Analisando relações amorosas de mulheres trans/travestis, Zampiroli (2018) ressalta a importância para elas de cuidar da casa, o que participa da construção do tornar-se esposa e fazer-se mulher.

Larissa Pelúcio, em seu trabalho sobre conjugalidades de travestis em São Paulo, aponta que, embora esteja claro quem é o homem e quem é a mulher nessas relações, os papéis tradicionais de “pai” e “mãe”, “esposo” e “esposa”, “provedor” e “administradora” não se ajustam a suas realidades. Realizam, no entanto, esforços de tornar a relação socialmente inteligível.

Não há espaço para relações pautadas pelos roteiros comuns à classe média heterossexual. Ainda assim, as travestis, informadas pelos códigos conjugais heteronormativos, almejam uma vida a dois nos moldes instituídos por essa norma: uma casa, marido

<sup>22</sup> Há casos na literatura etnográfica e também em meu campo, em que travestis namoram outras travestis ou michês, mas não entro nesse assunto no presente artigo. Sobre maridos brasileiros de travestis que moram na Itália, sem trabalhar, ver Teixeira (2011). Para ler sobre namorados e maridos europeus de mulheres trans/travestis, ver Pelúcio (2011) e Zampiroli (2018).

<sup>23</sup> Linn da Quebrada comenta sobre a dificuldade do amor para travestis em diversas entrevistas, e no documentário *Bixa Travesty* (dir.: Claudia Priscilla e Kiko Goifman, 2018).

“homem de verdade”, tranquilidade financeira, trabalho “normal”, o que significa fora de noite e da prostituição e, se possível, filhos. (PELÚCIO, 2006: 527)

A rua, onde muitas fazem a vida, é oposta ao espaço doméstico. Eva, travesti de Belo Horizonte, diz que continua fazendo programa enquanto seu namorado não pode sustentá-la: “se ele tiver condições de me tirar da rua e me sustentar com o mesmo dinheiro que eu tiro na rua, eu saio tranquilamente”. Em outro artigo (França, 2014), abordo como aparecem nas falas de diversas prostitutas, trans e principalmente cisgênero, prostituição e casamento como duas alternativas de subsistência. O que não quer dizer que cálculos e trocas excluam os afetos entre os parceiros. Transações estão presentes nos relacionamentos íntimos e podem até contribuir para a construção de sentimentos (ZELIZER, 2005).

Retomando as falas de Fernando, ele pensa na família que vai construir com Wanda, em como já aproveitam a vida; calcula os investimentos que o casal fará depois que ela terminar de enviar dinheiro à família e sonha com a possibilidade de abrir um negócio próprio. Wanda, como outras trans, retomou contato com a família de origem – décadas depois de sair de casa, ainda adolescente – através de uma substancial ajuda financeira. Também nessas relações o dinheiro tem um papel importante de criar e reforçar laços. E é mais fácil fazê-lo de Paris, com glamour, como indica Jennifer, uma trans de Fortaleza que também trabalhava no Bois de Boulogne, em 2008:

*Tudo glamour [risos]. Aqui, a gente tem um luxo que a gente nunca vai ter no Brasil. Não é não? A gente é rica para todo mundo, a gente tanto é rica aqui quanto no Brasil. A gente ganha um salário aqui que muito francês não ganha... Entendeu? Aqui, a gente pode comprar perfume importado, a gente pode usar roupa de grife, a gente pode comprar joias, a gente pode ter carro no Brasil, coisa que [trabalhando] no Brasil a gente não pode. Lá, a gente tem que trabalhar a semana inteira para comprar um perfume importado! Aqui, às vezes, em um dia, você compra um, três, dez perfumes!*

Mas, como vimos, a prostituição em Paris também vem passando por transformações, influenciada fundamentalmente por políticas nacionais. A prostituição em Paris atrai não apenas migrantes da América Latina, mas da África, do Leste Europeu e da Ásia. As prostitutas francesas representam apenas uma pequena parte da prostituição na cidade. O endurecimento da lei de 2003, quando Nicolas Sarkozy ainda era Ministro do Interior, apesar de ganhar a aparência de um movimento de luta contra o tráfico de pessoas e o proxenetismo, mirava o controle dos territórios e da migração. Em 2016, pela primeira vez na França, a contratação de serviços sexuais passou a ser penalizada, ou seja, os clientes passaram a ser incriminados. A mudança de enquadramento das prostitutas, de culpadas para vítimas, foi defendida especialmente por parlamentares socialistas engajados na luta pelos direitos das mulheres, dentro da perspectiva de um feminismo de Estado, baseado em um modelo de emancipação e de modernidade que se quer universal, mas é incapaz de incluir as prostitutas (JACQUEMART e JAKŠIĆ, 2018). No momento de discutir os direitos das supostas vítimas, a discussão se complica. Embora a direita francesa tenha votado a favor da nova lei, impôs barreiras à concessão de visto às prostitutas estrangeiras. Na lei, para terem direito a um visto temporário, de seis meses, as estrangeiras têm que deixar a prostituição. Prostitutas, estrangeiras, transgêneros e michês não foram ouvidos nas audições do parlamento francês. Histórias como a de Wanda e Fernando não estão previstas nos debates políticos.

Recebido em 20 de janeiro de 2020.  
Aceito em 4 de maio de 2020.

## Referências

- BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- CARVALHO, Mario e CARRARA, Sergio. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 14: 319-351, 2013.
- FASSIN, Didier. Le sens de la santé. Anthropologie des politique de la vie. In: SAILLANT, Francine e GENEST, Serge (org.). *Anthropologie médicale: ancrages locaux, défis globaux*. Presses Université Laval, 2005. pp. 383-399.
- FASSIN, Éric. Entre famille et nation: la filiation naturalisée. *Droit et société*, 72 (2): 373-382, 2009.
- FRANÇA, Marina. *Sexualité et affects dans la prostitution: regards croisés sur le Brésil et le Bois de Boulogne*. Paris: L'Harmattan e Éditions Pepper, 2016.
- FRANÇA, Marina. Quando a intimidade sobe e desce as escadas da zona boêmia de Belo Horizonte. *Cadernos Pagu*, 43: 321-346, 2014.
- GEERTZ, Clifford. “Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa”. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008 [1973]. pp.185-213.
- HANDMAN, Marie-Elisabeth; MOSSUZ-LAVAU, Janine (org.) *La prostitution à Paris*. Paris: La Martinière, 2005.
- JACQUEMART, Alban ; JAKŠIĆ, Milena. Droits des femmes ou femmes sans droits? Le féminisme d’État face à la prostitution. *Genre, sexualité & société* (20), outono 2018.
- KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Editora Riocruz, 2008.
- MOIRA, Amara. *E se eu fosse puta*. São Paulo: Hoo Editora, 2016.
- PELÚCIO, Larissa. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugabilidade envolvendo travestis que se prostituem. *Estudos Feministas*, 14 (2): 522-534, 2006.
- PELÚCIO, Larissa. “Amores perros’: sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo”. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Glauca de O.; OLIVAR, José Miguel Nieto (orgs.) *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011. pp. 186-224.
- PIRANI, Denise. *Quand les lumières de la ville s’éteignent : minorités et clandestinités à Paris, le cas des travestis*. Tese de doutorado. Paris: École des

Hautes Études en Sciences Sociales, 1997.

PRISCILLA, Claudia; GOIFMAN, Kiko. *Bixa Travesty*. Documentário, Brasil, 2018.

REDOUTEY, Emmanuel. « Trottoirs et territoires, les lieux de prostitution à Paris ». In: HANDMAN, Marie-Elisabeth ; MOSSUZ-LAVAU, Janine (orgs.). *La prostitution à Paris*. Paris: La Martinière, 2005.

ROUX, Sébatien. L'initiation. Entretien avec un client de la prostitution. *Genre, Sexualité & Société*, 2, 2009.

TEIXEIRA, Flávia. "Juízo e Sorte: enredando maridos e clientes nas narrativas sobre o projeto migratório das travestis brasileiras para a Itália". In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Glaucia de O.; OLIVAR, José Miguel Nieto (orgs.) *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: UNICAMP/PAGU, 2011. pp. 225-262.

VALE, Alexandre F.C. *O voo da beleza: travestilidade e devir minoritário*. Tese de doutorado em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2005.

VERNIER, Johanne. "La loi pour la sécurité intérieure: punir les victimes du proxénétisme pour mieux les protéger?". In: HANDMAN, Marie-Elisabeth; MOSSUZ-LAVAU, Janine (orgs.). *La prostitution à Paris*. La Martinière: Paris, 2005.

ZAMPIROLI, Oswaldo. Tornar-se esposa, fazer-se mulher: o casamento estabelecendo gênero nas relações conjugais de mulheres trans/travestis. *Teoria e Cultura*, 13 (1), 2018.

ZELIZER, Viviana. *The Purchase of Intimacy*. Princeton: Princeton University Press, 2005.

ACENO  
REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

A Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste  
recebe o ano inteiro, em

**FLUXO CONTÍNUO,**  
artigos livres,  
resenhas,  
ensaios fotográficos,  
dossiês (propostas).

Interessados na *submissão de trabalhos* e  
também em atuar como  
**pareceristas**

podem realizar seus cadastros em  
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno>

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso